



A guerra em surdina de Boris Schnaiderman: entre memória e ficção¹

Boris Schnaiderman's Muted War: Between Memory and Fiction

Katryn Rocha*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil

katrynrocha@ufmg.br

Resumo: Em *Guerra em surdina*: histórias do Brasil na Segunda Guerra Mundial, publicado em 1964, Boris Schnaiderman é o que poderíamos chamar de um intérprete de si e de mais de 20 mil homens da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que, assim como ele, foram convocados em 1944 para lutar, no conflito, ao lado dos aliados. A partir do que vivenciou como pracinha numa Itália destruída, o escritor constrói uma narrativa entre o relato factual e a ficção.

Palavras-chave: Boris Schnaiderman. Segunda Guerra Mundial. Memória.

Abstract: In *Guerra em surdina*: histórias do Brasil na Segunda Guerra Mundial, published in 1964, Boris Schnaiderman is what we could call an interpreter of himself and of more than 20,000 men of the Brazilian Expeditionary Force (FEB) who, like him, were summoned in 1944 to fight, in the conflict, on the side of the allies. Based on what he experienced as a small square in a destroyed Italy, the writer builds a narrative between factual and fictional accounts.

Keywords: Boris Schnaiderman. Second World War. Memory.

Boris Schnaiderman nasceu em Uman, na Ucrânia, em 1917. Sua família chegou no Brasil, em 1926, se estabelecendo no Rio de Janeiro. O jovem Schnaiderman possuía um verdadeiro interesse por literatura, mas antes de se dedicar às traduções de autores russos para a língua portuguesa, à escrita e ao ensino, já em São Paulo, estudou Agronomia.

Para se formar e exercer a profissão de agrônomo, ele deveria prestar serviço militar, o que garantiria, ainda, sua naturalização. Como estava no exército quando a guerra foi declarada, manteve-se na unidade que servia, no Rio de Janeiro, sendo convocado para a Força Expedicionária Brasileira (FEB) e servindo como terceiro-sargento na Central de Tiros de uma de suas unidades de artilharia.

Sua experiência como soldado e ex-combatente da FEB forneceu material para a publicação, em 1964, do romance *Guerra em surdina: histórias do Brasil na Segunda Guerra Mundial*.

¹ Este artigo é um resultado parcial de uma pesquisa sob orientação da Profa. Lyslei Nascimento.

* Graduanda na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG) e pesquisadora do CNPq no Núcleo de Estudos Judaicos.



Regina Igel em Imigrantes judeus/Escritores brasileiros, afirma:

os textos brasileiros condizentes com as memórias do Genocídio compartilham a característica de serem fusões de manifestações imaginativas, testemunhais, emocionais e intelectuais. Na maior parte dos trabalhos literários, estas integram-se numa única voz narrativa, a do memorialista, que expressa uma multiplicidade de experiências individuais e coletivas.²

Schnaiderman afirmou à pesquisadora que seu primeiro livro está “no limiar entre observação direta, ficção e memória.”³ Sendo assim, é possível dizer que em *Guerra em surdina*, Schnaiderman é um intérprete de si e de mais de 20 mil homens da FEB que, assim como ele, foram convocados em 1944 para lutar, no conflito, ao lado dos aliados. A partir do que vivenciou como pracinha numa Itália destruída, durante a Segunda Guerra Mundial, o escritor estrutura, em 19 capítulos, um romance mesclado de relatos em primeira e terceira pessoas, imbuído de recursos narrativos como o monólogo interior ou o diário, e constrói uma narrativa entre o relato factual e a ficção.

Como uma espécie de alterego do escritor, o protagonista-narrador João Afonso, um jovem estudante de Medicina recrutado pela FEB para combater as tropas alemãs na Itália, narra sua experiência pessoal na guerra, entre os anos de 1944 e 1945. Diz o narrador:

Máquina, engrenagem, porca ou parafuso, eu, João Afonso, também estava entre os convocados. Havia cumprido, um ano atrás, o serviço militar numa bateria-quadros, com períodos de instrução quatro vezes por semana, o que me permitira não interromper o curso de Medicina. Em todo caso, o contato com o mundo fardado fora bastante sumário e, agora, eu estava um tanto perplexo com o novo ambiente.⁴

A enumeração de objetos como “máquina, engrenagem, porca ou parafuso”, reforça aqui, e em outros trechos do romance, a percepção de que, para João Afonso e os demais expedicionários, eles não passavam de algo alienado e impotente, fosse frente a seus superiores, ao perigo ou ao desconhecido da guerra. Essa imagem é evidenciada, por exemplo, quando aparece, entre o grupo de convocados, um oficial de artilharia e os comentários são de que ele estava ali para “escolher a mercadoria”, equiparando os soldados a coisas.⁵

O leitor pode, assim, perceber, nos pensamentos de João Afonso, o resgate de memórias traumáticas materializadas em palavras, para além do conflito que o

² IGEL, 1997, p. 219.

³ SCHNAIDERMAN citado por IGEL, 1997, p. 216.

⁴ SCHNAIDERMAN, 1995, p. 10.

⁵ SCHNAIDERMAN, 1995, p. 13.



perturbava. A ironia de sair do Brasil para ir à Itália, lutar uma guerra contra o nazismo, em nome da democracia e liberdade, quando o Brasil estava submetido à ditadura de Getúlio Vargas, por exemplo, atormentava os soldados, aumentando a tensão e a insatisfação no grupo.

Em uma festa em homenagem aos expedicionários, sobressaindo à mesa repleta de doces, o retrato de Getúlio Vargas, o narrador observa: “parecia olhar com a maior indiferença para os divertimentos do seu povo” e, do lado oposto, “um pano branco em que se esparramavam letras vermelhas, garrafais: ‘Salve a Força Expedicionária Brasileira! Salve!’”.⁶ O olhar de indiferença de Vargas, naquela situação, pode ser interpretado não como direcionado necessariamente aos divertimentos do povo, mas para os convocados da FEB que em breve embarcariam rumo à Itália. Após a exaltação a Vargas por parte do anfitrião da festa, João Afonso reforça, de forma depreciativa que queria ir para a guerra, mas não tinha nada em comum com os que pretendiam fazê-lo partir, e, por isso, aparecia cada vez mais próximo e familiar o mundo dos praças que zombavam daqueles paisanos patrioteiros.⁷

Em meio a questionamentos ideológicos quanto ao sentido de sua participação e do envolvimento do Brasil na guerra, João Afonso e a tropa tensa e assustada seguem como gado para um navio antropozoomorfizado. Sua narrativa, fundindo-se ao terror da noite, atinge o clímax na cena quando o monstro-navio engole a todos:

O monstro que estava à espreita no cais engoliu numa noite 5.075 homens. [...] O monstro resfolegava um pouco, percebia-se o ruído desse resfolegar, mas o ouvido acostumou-se a ele em pouco tempo. As narinas habituaram-se ao cheiro, e os olhos afizeram-se à paisagem estranha de uma escada meio torta, de ângulos e quinas, um mundo intrincado à feição das Prisões de Piranesi, e que se espriava em quatro andares, no bojo do monstro cinzento. Depois das revoltas estéreis, da indignação em face de um chamado cujo sentido lhe era incompreensível, o soldado esforçava-se por aceitar tudo o que viesse, por mais absurdo que pudesse parecer. Os próprios resmungos tornavam-se mais escassos, a adaptação às novas condições exigia boa dose de fatalismo.⁸

O narrador reflete que, para os soldados que estavam indo à guerra para matar e morrer, havia um contrassenso enorme, pois o que menos havia entre eles era ódio ao inimigo. Sem um objetivo concreto, perplexos, atordoados, os homens simplesmente se entregavam ao monstro que os conduzia mar afora, para um destino ignorado. A

⁶ SCHNAIDERMAN, 1995, p. 21.

⁷ SCHNAIDERMAN, 1995, p. 22.

⁸ SCHNAIDERMAN, 1995, p. 32-33.



preocupação pelo desconhecido ou mesmo já em situações de combate, o medo é algo pouco admitido, porém latente.

João Afonso começa, então, a listar de forma repetitiva a rotina que impunha um tipo de disciplina difícil de suportar. Diz o narrador:

Balançar de navio, filas para as duas refeições diárias, a caneca de café dançando sobre a travessa de estanho, raspando nela com um som angustioso, um cheiro penetrante de cozinha e tinta fresca, o calor, a roupa grudando no corpo, o gira-gira da cabeça, a névoa nos olhos, a zoeira nos ouvidos, os restos de comida que se atiram num latão cheio de líquido asqueroso, a lufada de ar frio que atravessa os pulmões quando se sobe para o convés, o bate-papo, o carteadado, um olho para as cartas, o outro para a Polícia Militar à cata de jogadores, o mar cinzento e triste, as dificuldades para encostar o corpo, que parece quebrado na roda de tortura, novamente a fila, o escurecimento geral às cinco e meia, depois da ordem transmitida pelas goelas enormes e impassíveis dos alto-falantes, o fechamento das portas para o convés, o calor cada vez mais sufocante, a morrinha de suor que se espalha pelo compartimento, as luzinhas vermelhas e foscas que desenham na escuridão contornos mal definidos, o crescente balançar do navio, que repercute como golpes no crânio, o corpo que se atira mecanicamente sobre o leito de lona, os dias e as noites, mar e céu, céu e mar, mais filas, mais escurecimento, os companheiros que vomitam, e eu que tenho que rondar.⁹

Há, no trecho, uma homogeneização na vida militar, o coletivo sendo sobreposto ao individual. A perda da individualidade e da privacidade chocam, especialmente, para aqueles de maior instrução e condição social. O narrador avalia:

O espetáculo da privada atrai-me principalmente como uma grande escola. Para os tímidos e retraídos, para os que se acostumaram a viver confortavelmente, ela proporciona um choque salutar no sentido da adaptação à promiscuidade da vida em campanha. É um degrau a mais, na direção da animalidade que se atingirá mais tarde.¹⁰

João Afonso, nesse trecho, descreve o “degrau a mais na direção da animalidade” e introduz um conceito que desenvolverá mais à frente, utilizando a imagem da escada para ilustrar a degradação moral a qual todos eles estavam sujeitos. De acordo com sua narrativa:

⁹ SCHNAIDERMAN, 1995, p. 35-36.

¹⁰ SCHNAIDERMAN, 1995, p. 39.



Um fator importante para a formação dos grupos é o maior ou menor grau de degradação moral que se atingiu. Para compreendê-lo, nada como a velha e surrada imagem da escada, que cada um vai descendo paulatinamente. Começa-se quase sempre pelas formas mais simples de deslize moral: desaperta-se o cantil ou a marmita de um companheiro, rouba-se nas cartas, etc. Depois, pratica-se o câmbio negro. Descendo mais um degrau, passa-se às perversões sexuais e, muitas vezes, chega-se à violência, ao crime.

Geralmente, os soldados que estão num determinado degrau dessa escada olham com a maior naturalidade os que já atingiram o mesmo ponto de degradação, mais os que se encontram um degrau abaixo parecem-lhes verdadeiros monstros. As próprias diferenças de instrução não separam tanto os homens como a repulsa que se sente pelos que já desceram este ou aquele degrau.

No navio, parece que estamos, quase todos, no meio da escada. Alguns apenas no começo.¹¹

Embora alguns dos soldados brasileiros começassem a ter uma noção da proporção do conflito em que estavam envolvidos, o que se observa no relato é que, para a maioria da tropa, isso só aconteceu, de fato, ao chegar na Europa. Lutar em outro continente, além-mar, foi mais uma etapa na experiência singular do envolvimento do Brasil na guerra que é ficcionalizado por Schnaiderman.

João Afonso, ao chegar em Nápoles com o primeiro escalão das tropas brasileiras em 16 de julho de 1944, apresenta sua visão acerca do desembarque, descrevendo os escombros que se sobrepõem à bela paisagem oferecida da Itália e a destruição reinante no local:

De longe, o casario de Nápoles parece acolhedor, com as suas cúpulas, o seu colorido, os contornos estranhos em face do Vesúvio. Aos poucos, porém, os contornos delineiam-se melhor: as cúpulas brilhantes e os palácios no alto das colinas servem de fundo a casa velhas e miseráveis. E, depois que o navio passa em meio a vasos de guerra americanos, ingleses, franceses, de todos os tipos, de todos os tamanhos, e sobre os quais há dezenas de balões cativos da defesa antiaérea, vão-se tornando mais visíveis os estragos junto ao cais: navios de casco para o ar, outros partidos ao meio, chaminés emergindo à superfície, esqueletos de edifícios, um amontoado informe de escombros, sobrados

¹¹ SCHNAIDERMAN, 1995, p. 44.



sem teto, estátuas decapitadas, um mundo inesquecível, lúgubre, de alucinação e demência.¹²

A morte era ignorada, assim como o medo, que era disfarçado. Essa combinação alcançava, em alguns praticinas, grandes proporções. A brutalidade da guerra, a incerteza da morte, a miséria da população civil e o pensamento medíocre e desdenhoso de alguns oficiais para com os subalternos produzem, no depoimento de João Afonso, uma narrativa angustiada, tensa e predominantemente triste. Observe-se no trecho a seguir:

Há também uma ferocidade transformada em rotina, enquadrada em normas burocráticas, obediente aos regulamentos escritos. As normas prescrevem que se atire todos os dias sobre o Ponto Base, obrigatoriamente um ponto fixo e bem visível. Por conseguinte, nada melhor que um campanário. E lá se vai a igreja de La Serra, transformada em um montão de escombros! [...] O inimigo é feroz e implacável, portanto, temos de usar contra ele balas explosivas, proibidas pela Convenção de Genebra, balas que se estilhaçam ao encontrar o primeiro obstáculo e provocam ferimentos horríveis. Ferocidade contra ferocidade! Será possível que o nazismo nos contaminou? [...] A guerra tem uma lógica implacável. E eu queria esta guerra! Eu não tenho o direito de protestar contra nada!¹³

Em *Guerra em surdina*, o personagem-narrador, João Afonso, após viver o conflito, não entende sua lógica implacável e, ao mesmo tempo, não se sente no direito de reclamar.¹⁴ Boris Schnaiderman, a partir de suas memórias, no registro da ferocidade e da animalização ali denunciadas, tira da surdina a violência e a barbárie e põe em relevo o conflito e os seus reveses. Em depoimento posterior, ele avalia que, com a guerra, havia encontrado um objetivo: “a tomada de consciência antinazista”. Entre o factual e o ficcional, a lição do romancista atinge o nosso tempo e afirma a importância do sentido moral e ético de se estar no mundo.

Referências

IGEL, Regina. *Imigrantes judeus/Escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, Associação Universitária de Cultura Judaica, Banco Safra, 1997. (Coleção estudos; 156)

¹² SCHNAIDERMAN, 1995, p. 48.

¹³ SCHNAIDERMAN, 1995, p. 128-129.

¹⁴ SCHNAIDERMAN citado por IGEL, 1997, p. 215.



SCHNAIDERMAN, Boris. *Guerra em surdina: histórias do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. 3. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1995.

Recebido em: 23/02/2021.

Aprovado em: 23/03/2021.